

## Refletir para resistir: apontamentos teóricos decoloniais sobre os desafios trazidos pelo colonialismo de dados<sup>1</sup>

Jhonnatan OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Larissa Leda F. ROCHA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA.

### RESUMO

A sociedade caminha atualmente por lógicas tecnológicas e capitalistas, que estão interessadas em transformar o fluxo da vida em dados (Couldry e Mejias, 2019). Nosso objetivo é discutir como o "pensar decolonial" contribui para a resistência epistêmica, em especial, sobre os desafios trazidos pelo colonialismo de dados (Ricaurte, 2023). Assim, apoia-se em levantamentos bibliográficos que pensam o Sul Global. Avistamos a continuidade de domínios coloniais históricos através de redes sociotécnicas e a necessidade de resistir ao avanço tecnológico/epistêmico desigual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia; Colonialismo de dados; Decolonialidade; Tecnologia; *Big Techs*.

### RESUMO

Iniciamos com o questionamento: como se organiza uma sociedade baseada e estratificada essencialmente em dados? É relativamente uma pergunta simples, e hoje em dia é possível experimentar parte dessa realidade nas atividades mais rotineiras. Segundo alguns autores, o cenário não é positivo, pelo contrário, uma sociedade datafada e impulsionada por imperativos capitalistas como avista-se contemporaneamente, traz desafios para diversas áreas do conhecimento, incluindo a comunicação. É o que Ricaurte (2023) se fundamenta ao questionar sobre as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (Campus, Imperatriz). Desenvolve a pesquisa "Quanto vale o *like* latino-americano? Estudo sobre como o Instagram trata os dados dos usuários, a partir da perspectiva teórica do colonialismo de dados", financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Membro pesquisador do Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação – ObEEC (CNPq/UFMA). E-mail: [jhonnatan.oliveira@discente.ufma.br](mailto:jhonnatan.oliveira@discente.ufma.br).

<sup>3</sup> Pós-Doutora (ECA/USP) e Doutora em Comunicação Social (PUC-RS). Docente da UFMA e dos Programas de Pós-Graduação de Comunicação (PPGCOM) e de Artes Cênicas (PPGAC) da UFMA. Desenvolve a pesquisa "A maldade e suas encarnações: vilania, teledramaturgia e monstrosidades" financiada pela FAPEMA. Coordenadora do grupo de pesquisa ObEEC (UFMA/CNPq) e do GP de Ficção Televisiva Seriada da Intercom. E-mail: [larissa.leda@ufma.br](mailto:larissa.leda@ufma.br).

epistemologias de dados que estão se expandindo na esfera de governança pública e em países menos desenvolvidos.

Nosso problema de pesquisa está vinculado aos desafios trazidos pelo colonialismo de dados, em especial, nas plataformas digitais. Portanto, parte-se do interesse em resistir epistemologicamente aos avanços do que Couldry e Mejias (2019, p. 13, tradução nossa) chamam de "ordem emergente para a apropriação da vida humana, para que os dados possam ser continuamente extraídos dela com fins lucrativos".

Desse modo, o objetivo geral do trabalho é debater como o pensamento decolonial contribui para a resistência epistêmica em relação aos desafios trazidos pelo colonialismo de dados. Para tanto, definimos três objetivos específicos. 1) apresentar a perspectiva teórica do colonialismo de dados e suas imbricações com as plataformas digitais. 2) Refletir sobre as ameaças trazidas pela captura e exploração dos dados pessoais em plataformas, especialmente na América Latina. 3) Compreender de que modos o pensamento decolonial contribui para resistir à exploração capitalista da apropriação de dados da vida humana.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho reflexivo e essencialmente teórico, nos apoiamos no método bibliográfico. O campo empírico da pesquisa está ligado à apresentação e o cruzamento de dados estatísticos de acumulação financeira das plataformas, notícias e controvérsias sobre seus funcionamentos em alguns países da América Latina, bem como, as problemáticas contemporâneas relacionadas ao uso de informações pessoais dos utilizadores. Como já citado, a discussão está vinculada à crítica teórica decolonial e ao colonialismo de dados, aliada ao campo da Economia Política da Comunicação (EPC).

A captura e exploração dos dados pessoais, em nossa visão, é um complexo desafio a ser enfrentado. Cabe a ressalva de que, aqui, não existe a contrariedade ao uso ou apropriações dos dados para desenvolvimento social. Na verdade, o que Couldry e Mejias (2018; 2019) apontam, é que existe por parte de grandes empresas de tecnologia, o foco em datificar as sociabilidades, propriamente, a vida humana. Em outras palavras, grupos como *Meta Platforms Inc.* e *Alphabet Inc.*, objetivam acumular o máximo de dados pessoais para aumentar suas receitas. Isso, através de suas plataformas de mídia

social e buscadores on-line, que lucram principalmente por meio de publicidade e *microtargeting*.

Esse modelo de negócio na qual as empresas se alocam, não somente promove o pensamento liberal de que os dados são o futuro e que eles podem contribuir para melhorar a vida on-line (Silveira, 2021), como, conseqüentemente, impõem padrões de pensamento/expressões, estabelecem modos de explorar e limitam a vida fora do ambiente digital (Ricaurte, 2023). Ou seja, esse novo regime de conhecimento emergente que emprega aos dados um poder de ordenamento social capitalista, na verdade, exclui uma parte da sociedade e mercantiliza a outra que a utiliza. Como Pinto (2022), Ricaurte (2023) e Avelino (2023) alertam, as economias informacionais (com base no rastreamento de dados e governabilidade algorítmica) não estão interessadas em visões alternativas de mundo, se não, em formas de continuar oprimindo territórios e sociedades para lucrar.

Acreditamos que o conhecimento nos leva ao pensamento crítico e é uma forma de poder. Assim, acionamos a perspectiva de Quijano (2005) sobre colonialidade do poder. Ele defende que o eurocentrismo impôs uma forma de dominação nas Américas, o colonialismo. Isso a partir do apagamento cultural e aniquilação de indígenas. As principais vítimas, segundo Quijano, são os países da África e América Latina, não surpreendentemente, essas regiões possuem as nações menos desenvolvidas até hoje. Nesses termos, o eurocentrismo trouxe um pensamento universalista de que o que não era europeu era "naturalmente" inferior e que poderia ser dominado. De modo semelhante, naturalizar a extração de dados pessoais e oferecer em troca o acesso a serviços digitais são algumas das bases de funcionamento de plataformas digitais. Afinal, quando adentramos no Instagram, Facebook ou Tiktok, e aceitamos os termos de uso, cedemos para essas empresas informações que vão desde gostos de humor e memes, até orientações políticas.

O que os pensadores alertam (Couldry e Mejias, 2018) é que a governabilidade por relações de dados, reproduzem lógicas mercantis e coloniais históricas, isso, sem qualquer tipo de metáfora entre noções de colonialidade. Ambas as perspectivas estão interessadas em adquirir recursos, dos quais podem ser retirados ganhos econômicos. A diferença é que com o adensamento da tecnologia, os cidadãos estão sendo mais

vigiados e seus dados estão sendo explorados, tal qual uma matéria-prima. Em especial, nos países do Sul global, como os da América Latina.

O que Ricaurte (2023) chama de "desafio", Avelino (2023) aponta como "ameaça" do colonialismo digital. Ambos os autores expõem a complexa realidade que os países colonizados enfrentam. Isso posto, apresentamos em sequência dois exemplos que exprimem 1) o poder eurocêntrico e colonizador sobre as nações colonizadas e 2) a operação "bem sucedida" do pensamento sobre os dados e seu uso em benefício das empresas de tecnologia, além do aprisionamento tecnológico.

Recentemente o Brasil pôde ser classificado como um campo exportador de dados pessoais para benefício de uma empresa privada alemã. Entretanto, sem o mínimo conhecimento ou consentimento dos usuários. Segundo o Portal G1 (2024), aproximadamente 170 fotos de crianças brasileiras foram usadas para alimentar a inteligência artificial da empresa LAION-5B. Nesse caso, os dados foram extraídos de plataformas de mídia social, *blogs* ou grupos fechados. Após denúncia de pesquisadores de direitos humanos locais, a empresa confirmou o uso, que, em parte, consistia em manipular visualmente os conteúdos dos brasileiros.

De acordo com Ferreira (2024), os cidadãos argentinos cederam a biometria ocular (íris) em troca de US\$ 80 em criptomoedas. Novamente, a operadora das ações é uma empresa de tecnologia privada, a *Worldcoin*, que tem o mesmo gestor da *OpenAI* e do *ChatGPT*. O contexto vivido pelo país foi a crise econômica de 2023, o que favoreceu a expansão da base de informações da empresa e classificou a Argentina como o maior mercado global desse tipo. Esse é mais um sintoma do colonialismo de dados, pois como aponta Ferreira (2024), a *Worldcoin* foi impedida de funcionar em Portugal e na Espanha, logo, avistaram nos países menos desenvolvidos e envolvidos em crises financeiras, um público-alvo potencial para extração de dados. É fácil compreender o objetivo das operações da *Worldcoin*, que é ter uma base de dados global para substituição de documentos oficiais no futuro (Ferreira, 2024).

Isso posto, justificamos que é urgente a reflexão sobre esse fenômeno contemporâneo, além de resistir criticamente a ele. Ricaurte (2023) argumenta que pensar por meio de uma ótica decolonial é uma das estratégias para resistir epistemologicamente ao processamento do capitalismo de dados. A autora aponta que o olhar histórico, local e decolonial contribui para evidenciar a colonização digital e suas

desigualdades de poder. Quijano (2005) aponta que a conquista de direitos e redistribuição do poder, parte da descolonização da sociedade. Contudo, ele alerta que esse processo está sendo arrasado e reconfigurado para ainda concentrar-se (sob o capitalismo globalizado) nas mãos dos gestores responsáveis pela colonialidade do poder. Podemos entender, nesse sentido, que o autor critica os maiores beneficiários da colonialidade, os dominadores europeus ocidentais e os seus descendentes, os "euro-norte-americanos" (Quijano, 1992, p. 11).

A partir desta perspectiva, voltamos nosso olhar para as plataformas digitais. Não é difícil o entendimento de que os Estados Unidos detém a maior parte do mercado da economia informacional mundial ocidental e que as lógicas do colonialismo digital estão vinculadas ao poder das *Big Techs* de maioria norte-americana. A exemplo, a Microsoft no Vale do Silício (EUA), que desde 1990 estrategicamente visa monopolizar o ecossistema tecnológico com seu sistema operacional, o Windows (Avelino, 2023).

Cabe comentar que a pesquisa está nas fases iniciais. Contudo, sinalizamos que a mesma possui levantamentos e cruzamentos teóricos anteriores, pois faz parte de uma dissertação, atualmente, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). O mesmo olhar epistemológico também é acionado nesta proposta de pesquisa, o de autores latino-americanos, decoloniais e que pensam a partir do Sul Global. Assim como Quijano (2005), entendemos que descolonizar o pensamento é se libertar das amarras eurocêntricas e dar voz para os teóricos que olham as realidades dos povos colonizados. Ballestrin (2013) resume esse levante quando afirma que o papel das teorias não é somente explicar, mas, ainda, de normatizar. Afinal, elas próprias carregam consigo reproduções de colonialidade, e historicamente, foram pensadas "no Norte e para o Norte" (Ballestrin, 2013, p. 109).

Os principais resultados da pesquisa apontam para uma primeira necessidade de compreensão do que é o colonialismo de dados. Um ordenamento nos moldes capitalistas que é relativamente novo no campo epistêmico da comunicação e está intimamente conectado com a colonialidade do poder (Couldry e Mejias, 2018; 2019). Essa visão da colonialidade do poder, que é defendida por Aníbal Quijano a partir de 1989, revela que "as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo" (Ballestrin, 2013, p. 99). Em resumo, para

estudar os dados e o colonialismo digital, é preciso considerar as reproduções das injustiças territoriais, as violências e os apagamentos culturais, a exemplo, a exclusão de línguas nativas indígenas (Ricaurte, 2023).

Como defendido até aqui, os grandes oligopólios gestores de plataformas digitais, reproduzem esse ordenamento colonial em prol do lucro e perpetuam opressões, na forma de aprisionamentos tecnológicos, exclusão social e hipervigilância. O aceno é claro, os dados são valiosas fontes de receita atualmente. Assim, argumentamos que a partir de reflexões teóricas pensadas sobre as realidades do Sul global é um primeiro passo para oportunizar "resistir aos atuais termos de conexão e de forjar outros melhores" (Couldry e Meijas, 2019, p. 23, tradução nossa). Cabe a nós, portanto, pensar novas realidades que vão na contramão do capitalismo de dados e suas formas de extração de valor, como propõe Pinto (2022), por exemplo, ao defender um pensamento cosmotécnico do capitalismo de dados associado ao Candomblé Nagô.

Refletir a respeito dos processos de dataficação contemporâneos necessita um olhar para as sociedades que historicamente já sofreram expropriações de diversas naturezas e que agora continuam sendo impactadas pela colonialidade do poder. Bem como aponta Ricaurte (2023), os dados, agora que são classificados como uma preferência para representação do conhecimento, necessitam de atenção para as diversas visões de mundo e que já carregam consigo desigualdades seculares.

## REFERÊNCIAS

AVELINO, R. S. Colonialismo Digital: Tecnologias de rastreamento online e a economia informacional. São Paulo: Alameda. 2023.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 89-117, 2013.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. *Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject*. **Television and New Media**, London, v. 20, p. 336-349, 2018.

COULDRY, N; MEJIAS, U. *How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Univali – 5 a 6/9/2024

FERREIRA, Y. Argentinos trocam biometria por criptomoedas para sobreviver. FORUM, 10 abr. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4ckDASY>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PINTO, L. C. Tempo Ogúnico: uma proposta de análise do colonialismo de dados com personagens conceituais do Candomblé Nagô. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 45., 2022, Campina Grande. **Anais [...]**. Paraíba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <https://bit.ly/3XK6ebN>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PORTAL G1. Plataforma de inteligência artificial usa imagens de crianças brasileiras sem autorização. JORNAL NACIONAL, 10 jun. 2024. Disponível em: <http://glo.bo/3L31syC>. Acesso em: 25 jun. 2024.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: CLACSO. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, 2005.

QUIJANO, A. *Colonialidad y modernidad/racionalidad*. **Perú Indig.**, [s. l], v. 29, n. 13, p. 1-10, 1992.

RICAURTE, P. Epistemologias de dados, colonialidade do poder e resistência. **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 22, n. 12, p. 6-26, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4cCxrS6>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SILVEIRA, S. A. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo .In:\_\_\_\_; SOUZA, J.; CASSINO, J. F. (org.). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 33 - 52.